



PEDAGOGIAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADES NO CAM4

Edvaldo Souza Couto

Professor Titular na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Departamento de Educação II; professor permanente no programa de pós-graduação em Educação e um dos coordenadores do GEC, Grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias. Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e graduado em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: edvaldosouzacouto@gmail.com.

Oswaldo Barreto Oliveira Junior

Professor do Instituto Federal Baiano, campus Serrinha. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Especialista em Educação Inclusiva (FTC), licenciado em Letras: Português/Espanhol e bacharel em Comunicação Social: Rádio e Televisão pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: osvaldobojr@gmail.com.

Quésia Silva do Carmo

Mestra em Educação e licenciada em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: quesiadocarmo@gmail.com.

Resumo: A sociedade contemporânea experimenta vertiginosa transformação das regras de constituição do eu, num contexto em que a simbiose homem-máquina instaura novos modos de ser, de viver e de se relacionar com o outro, destacando-se o embaralhamento de fronteiras entre o pessoal e o compartilhado, o privado e o público. Na internet, a exibição das sexualidades e as performances sexuais põem em cena maneiras de experimentação do sexo que, possivelmente, influenciam as inter-relações humanas, suscitando questionamentos sobre a tendência exibicionista que se observa nas interações *online*. Nesse contexto, por meio de uma abordagem bibliográfica analítica, este trabalho objetiva problematizar certos modos de construção de subjetividades em rede a partir das dinâmicas sexuais espetacularizadas no CAM4. O artigo conclui que sites como esse concretizam e promovem pedagogias acerca dos sexos e das sexualidades, já que evidenciam diversas formas de compartilhar experiências íntimas.

Palavras-chave: Educação. Redes sociais. Redes de relacionamento *online*. Sexualidade. CAM4.

PEDAGOGIES ABOUT SEXES AND SEXUALITIES ON CAM4

Abstract: This contemporary society has been living vertiginous transformation of the rules of the constitution of the self in a context in which the symbiosis man-machine establishes new ways of being, of living and of relating to each other. On focus here the shuffle of borders between what is personal and what is shared, what is private and what is public. On the internet we live the exhibition of sexualities and sexual performances that set the scene ways of experimentations of sex that possibly influence human interrelations, raising questions about the exhibitionist tendency observed in online interactions. In order to develop such an argument, we discuss on this article the garniture of those sexualities present on relationship sites online, taking as analysis parameter the site CAM4. This article concludes that sites like these concretize and promote pedagogies about sexes and sexualities, since they show several forms of sharing intimate experiences.

Keywords: Education. Social networks. Relationship webs online. Sexuality. CAM4.

Considerações iniciais

A frequente utilização das tecnologias digitais tem suscitado relevantes transformações socioculturais nas sociedades contemporâneas. Isso porque o uso desses aparatos tecnológicos potencializa algumas habilidades humanas, notadamente aquelas relacionadas à comunicação social, fazendo emergir diferentes meios de interação com o outro.

Esses meios configuram-se como espaços democráticos e desterritorializados, nos quais o sujeito encontra atmosfera propícia a experimentações diversas; seja no tocante a relações de trabalho, de estudo e de engajamento em causas políticas; seja no que se refere ao lazer, à criação de laços de amizade ou à satisfação da libido, dentre outros.

Ao disponibilizar ambientes de interação, em que o verbo, o sonoro e o visual se fundem para gerar múltiplas dinâmicas de socialização, a rede mundial de computadores torna-se arena de experimentações, de edificação de novas e fecundas aprendizagens. Nesse contexto, a experimentação da sexualidade e sua demonstração rompem a barreira do espaço privado para assumir contornos de coisa pública.

Tudo isso ocorre numa época em que as subjetividades são fluidas, pois se constituem num fluxo ininterrupto de informações. Ao contrário do homem moderno, os corpos contemporâneos não se edificam em lugares marcados pela disciplina e autocontrole, pois, na atual sociedade da informação, não há lugares, mas fluxos; o sujeito já não é uma inscrição localizável, mas um ponto de conexão com a rede.

Essas subjetividades fluidas, ou líquidas, estão em constante mutação e costumam congregam aspectos diversos, configurando simbioses entre homem e máquina, natural e artificial, presente e distante, real e virtual, digital e analógico. Isso suscita, segundo Tomaz

Tadeu (2009, p. 11), uma “[...] desavergonhada conjugação entre o humano e a máquina”. Por meio dessa conjugação é possível construir subjetividades, sexualidades, até mesmo gêneros, exatamente da forma que os sujeitos desejam.

Com o respaldo dessas ideias, este artigo apresenta um percurso teórico-analítico sobre a publicização do eu no site *Cam4*, com o objetivo de problematizar certos modos de construção de subjetividades em rede a partir das dinâmicas sexuais espetacularizadas nesse ambiente. Com isso, ressalta as metamorfoses por que passam as construções subjetivas na contemporaneidade, apresentando uma análise antropológica sobre a transformação do indivíduo, que, segundo Sibilia (2012), abandona o seu perfil introdirigido, que era voltado para a preservação das experiências íntimas e foi forjado na Modernidade, para assumir um caráter extrodirigido, que é afeito à exposição de si nos ambientes digitais, mais alinhado a uma época em que a necessidade de aparecer determina os hábitos e comportamentos de algumas pessoas.

Essa análise sobre a transformação do sujeito psicológico em sujeito aparência suscita reflexões sobre a construção de sexualidades e de experiências sexuais em rede, já que, ao se extrodirigir, o sujeito abandona a ideia de que há coisas que só devem ser feitas entre quatro paredes, porque o que importa agora é se tornar visível, é publicizar, principalmente as experiências mais “íntimas”. Por essa razão, o objeto de estudo deste trabalho é o universo do site *Cam4*, um ambiente digital no qual sexualidades e o sexo são mostrados sem pudores. Assim sendo, este artigo evidencia a diversidade sexual mostrada no site em questão e analisa estratégias de exibição da sexualidade nos fluxos dos desejos na rede.

Embora essa argumentação teórico-analítica pareça profana, ela é de grande relevância para a educação, uma vez que, na sociedade da informação, os mecanismos de manutenção do poder e da ordem não são os mesmos adotados pela Modernidade (disciplina, instrução, civilidade e moralização), mas outros que, conquanto sejam mais sutis e elegantes, exercem, de forma mais eficaz, o poder sobre os corpos e, por conseguinte, sobre as subjetividades, pois são mais difíceis de mapear ou de burlar.

É que a sociedade da informação é também a época do controle, na qual tudo e todos estão ao alcance de aparatos tecnológicos que “vigiam” ações, angústias, sentimentos e pensamentos. Nesse contexto, a vida passa a ser configurada em redes que mantêm a conexão constante entre os sujeitos. Portanto, torna-se coerente supor que muitos jovens estudantes

descobrem suas sexualidades e realizam algumas de suas experiências sexuais por meio de sites como o *Cam4*. Nessa lógica, a discussão aqui edificada assume bastante relevância para aqueles que pensam e fazem a educação com e na cultura digital.

Da introspecção para a exteriorização do eu

A Modernidade e sua busca incessante pela disciplina, moralização, civilidade e instrução privilegiaram a edificação de subjetividades introdirigidas, como forma de adaptar os sujeitos aos engendramentos sociopolíticos, econômicos, éticos e estéticos vigorados na era industrial. Além disso, esses mecanismos de controle buscavam delinear sujeitos dóceis, que se conformassem às normas de convivência pacífica entre os homens, as quais eram “doutrinadas” pela legislação do Estado Democrático de Direito.

Vivia-se, dessa maneira, um paradigma de sociedade fundado na dualidade (racional x emotivo, científico x religioso, público x privado, legítimo x ilegítimo, natural x artificial etc.), que instruía o homem a optar pela “normalidade”, para não se tornar um excluído socialmente. Dessa forma, a Modernidade ditava formas de ser e de estar no mundo, induzindo à formatação de subjetividades dóceis, resignadas às leis e costumes socialmente respaldados. Foram erigidas, inclusive, instituições pensadas para “civilizar” o humano, como a escola, por exemplo.

Não é à toa que a pedagogia kantiana, base fundante da escola moderna, enfatizava a necessidade de criar meios, condições e instrumentos que favorecessem a inculcação da obediência no caráter dos aprendizes. Com isso, a instituição escolar cumpriria uma função que, para o Estado Moderno, era imprescindível: preparar os aprendizes para a vida futura, imprimindo-lhes o respeito às normas e a obediência como marca configuradora do cidadão, ou seja, daquele que age para preservar e garantir o bem-estar social.

Essa pedagogia assentava-se no caráter introdirigido do homem, cuja introspecção seria capaz de assegurar o desenvolvimento do pensamento, edificado por meio da transposição do saber letrado, que era valorado socialmente e exigia do aprendiz concentração, clausura, disciplina e rigor. Nessa proposta educativa, sujeito e pensamento se confundiam, isto é, a subjetividade era definida pelo pensamento do ser. Por isso, era tão relevante educar para um tipo de pensamento – racional e reflexivo – condizente com as expectativas liberais acerca do sujeito socialmente aceito (o cidadão).

Entretanto, ao analisar os mecanismos acionados pelo Estado Moderno para gerar subjetividades dóceis, Foucault (1984) argumenta que os instrumentos disciplinadores que cerceavam a liberdade humana impulsionaram o sentimento de rebeldia. E essa rebeldia germinou um conjunto de transformações que suscitaram um novo regime de poder, não mais centrado na disciplina, e sim no controle, conforme se pode ver na contemporaneidade, quando ações, ideias e opiniões são constantemente vigiadas, por meio da onipresença de aparatos tecnológicos, nas diversas instituições sociais que ainda existem.

Nesse percurso de mutação entre instrumentos de poder disciplinadores e outros, os de controle, a política neoliberal e seu apelo ao marketing, à publicização das ações e à espetacularização da intimidade, puseram em cena novas formas de constituição das subjetividades, em que a introspecção cedeu lugar para a exteriorização do eu. Essa mutação promoveu o rompimento de barreiras entre o público e o privado, instaurando uma nova lógica: se, para Descartes (2009), a existência humana estava condicionada à capacidade de pensar, na atualidade, a existência do corpo ciborgue é definida pela visibilidade do eu; daí a necessidade de abandonar o apego à introspecção, para abraçar, com vigor e sem pudores, as possibilidades de exteriorização do sujeito. Presencia-se, portanto, no tocante ao corpo ciborgue e a sua tendência a se expor sem receios, a superação da metafísica do pensamento pela ontogênese da aparência (MAFFESOLI, 2005).

Nessa nova conjuntura, os indivíduos deixaram de se assujeitar a normas morais, aparentemente, irretocáveis, e abarcaram personalidades múltiplas, reveladoras de sujeitos clivados, divididos e heterogêneos, cuja marca mais reluzente não é mais a rigidez de um caráter forjado pelos ditames da tradição; mas sim a habilidade de se mostrar cada vez mais sedutor. Assim, os corpos tornam-se vitrines de autopromoção pessoal, de satisfação do ego e de estímulo da libido alheia. Para esse novo homem – extrodirigido, compartilhado, conectado em rede –, a visibilidade torna-se crucial para a existência humana, ou melhor, pós-humana.

O pós-humano vive numa época de subjetividades dispersas, híbridas; formuladas mediante novas políticas, que priorizam configurações simbióticas entre homem e máquina, razão e emoção, público e privado. São as políticas do pós-humano, as quais instauram novas filosofias e estéticas de (in)definição do corpo e, por conseguinte, suscitam novas aprendizagens. Tudo isso numa atmosfera em que se valoriza a aparência, a parte visível dos sentimentos e emoções, bem como a publicização do sexo, do gozo e da libido.

Sexualidades em rede

Hodiernamente, a existência, os saberes e as experiências sexuais tendem a assumir sentidos em rede, já que, segundo Tomaz Tadeu (2009, p. 12), experimenta-se: “De um lado, a mecanização e a eletrificação do humano; de outro, a humanização e a subjetivação da máquina”. Constrói-se, dessa forma, uma nova política (do pós-humano), do corpo ciborgue, na qual a linha entre homem e máquina é tão tênue que se torna indistinguível. Por isso, é preciso estabelecer conexões, viver em rede, incluindo, aí, todas as ações que se praticam durante a aventura de estar no mundo, sejam elas relativas ao campo do saber, sejam relacionadas ao gozo e à experimentação de sexualidades.

Os corpos humanos não são mais tão dóceis. Eles não ocupam mais lugares rijos, fixos, determinados. A experiência do corpo ciborgue é sempre compartilhada; por isso, torna-se comum a estetização do corpo, por meio da publicidade e da pornografia, “[...] que a tudo contaminam e seduzem” (COUTO, 2012, p. 30). Essa sedução é quase onipresente nas peças publicitárias, nas letras das músicas, nos produtos televisivos, no cinema e nos inúmeros sites de propagação de si na internet. Em redes sociais, como o *Facebook*, é comum encontrar fotografias de jovens que expõem seus corpos sem pudores, como forma de seduzir o outro, atraindo a atenção, para manter a conectividade. Talvez, nesses meios, o corpo seja o signo fático por excelência, usado para manter a interação com os interlocutores.

O *homo psychologicus* (indivíduo introdirigido) forjado na modernidade – devido ao fortalecimento da burguesia, como classe economicamente favorecida e que, por isso, tornara-se consumidora dos bens culturais – dá lugar, na contemporaneidade, a novas constituições subjetivas, que valorizam a exposição do eu (indivíduo extrodirigido), configurado em torno do corpo, ou mais especificamente, em torno de uma imagem produzida para a sedução alheia. Esse deslocamento do eixo da subjetividade evidencia que as identidades são compartilhadas, são construídas na interação com o outro; isto é, são, na verdade, intersubjetividades.

O corpo é o *locus* da performance do eu, espaço de realização de si e de sedução alheia. Na era do corpo ciborgue, as experiências íntimas extrapolam a barreira do privado, para se tornarem visíveis a todos. Dessa forma, o homem ciborgue compartilha suas experiências sexuais e sua sexualidade, alimenta sua libido, estimulando o prazer e o gozo

alheio. Tudo isso ocorre numa atmosfera do volúvel, do perceptível, conduzida por uma lógica neoliberal, mercadológica, que transforma tudo em produto ao alcance de “todos”. Segundo Donna Haraway (2009, p. 37):

[...] somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica.

Por isso, o *etos* contemporâneo resulta da conjugação entre humano e máquina. Talvez, por conta disso, os sujeitos do tempo presente se sintam tão à vontade para exibirem suas particularidades, suas relações íntimas, nos ambientes de interação em que a máquina é o meio de alcance do outro. Assim sendo, o corpo ciborgue encontra-se sempre disponível às experimentações digitais, que lhe fornecem atmosferas fluidas, flexíveis, dinâmicas e compartilháveis para, ontologicamente, se definirem como corpos em constante mutação, em busca perene pela visibilidade, pela exaltação de si diante da sedução alheia.

Em seu “Manifesto ciborgue”, Donna Haraway (2009, p. 89-99) argumenta que a política do corpo ciborgue é de contestação. Ela liquefaz os dualismos erigidos pela Modernidade, propondo fluxos contínuos de desconstrução. Por meio desses fluxos, redimensionam-se os meios e os aparatos de poder, contestando os mecanismos de dominação, para instaurar novas ordens que questionam a autonomia de um ser autônomo e legitimam a dialeticidade. Nesse contexto, toda construção subjetiva pressupõe a presença de *outrem*, daí ser a intersubjetividade a condição *sine qua nom* para a existência dos corpos e das sexualidades ciborgues.

Os sujeitos contemporâneos são, pois, homens-máquinas que exercitam a liberdade na conjugação entre poder ser, poder fazer e poder gozar. São seres do desejo que se realiza, se divulga e se propaga. Essa liberdade costuma ser cotidianamente exercida por meio das diversas interações que estabelecem nos ambientes digitais, sejam elas voltadas ao lazer, ao trabalho, ou à experimentação das sexualidades. Trata-se de uma liberdade que impulsiona seus corpos ciborgues para a exteriorização, para a vivificação de experiências “éxtimas” nas diversas redes de compartilhamento que existem no tempo presente. São, então, homens-máquinas que exibem, sem pudor, seus sentimentos, emoções, frustrações e gozos nos ambientes *online* (MAFFESOLI, 2012).

Do quarto para as telas, e destas para o mundo. Esse é o caminho trilhado pelas sexualidades nos tempos do corpo ciborgue. Elas são diversificadas e constroem inúmeras estratégias de existência na contemporaneidade. Todas tramadas pela visibilidade, pois aquilo que não aparece também não existe. Mas de quais sexualidades aqui se fala? Na política do homem ciborgue, sexualidade se confunde com pornografia e gozo mercenário? Ou essa visibilidade do sexual seria uma reconfiguração da prostituição em tempos de mídias digitais?

As questões disponibilizadas acima não são suscetíveis a respostas fáceis e diretas. Elas exigem um conjunto de reflexões sobre as configurações éticas, políticas, socioculturais e estéticas da contemporaneidade. Ademais, suscitam inúmeras conjecturas de caráter antropológico e genealógico sobre os aspectos que definem as subjetividades extrodirigidas do mundo contemporâneo. Por isso, não se pretende esgotá-las neste artigo, mas apenas usá-las como norteadoras para a análise da publicização das sexualidades no *CAM4*, que será apresentada a seguir.

Estratégias de exibição das sexualidades no *CAM4*

Navegar pelos diversos perfis que se apresentam no *CAM4* é, sem sombra de dúvidas, um ato de excitação da libido.

[...] um site de vídeos pornográficos amadores, hoje considerado um dos mais acessados desta categoria, com uma média de 150 milhões de visitantes por mês e com grande visibilidade, contendo vídeos de diversas partes do mundo. (RIBEIRO, MIRANDA, 2012, p. 255).

Nesse site, corpos nus, em diversas performances, seduzem o olhar alheio para a apreciação voluntária das sexualidades que se mitigam na rede. São modos diversos de exteriorização de sentimentos, de expressão de si e de exposição do sexo. São pessoas (corpos ciborgues) de diversas nacionalidades, que se expõem na rede como meio para garimpar recursos financeiros, tentar envolvimento interpessoais em busca do gozo, ou como forma de se fazer existir; uma vez que a exposição é uma das marcas ontológicas mais fortes dos homens-máquinas da contemporaneidade.

E, por meio da máquina, eles se sentem “em casa” para exhibir o que outrora seus ancestrais só faziam entre quatro paredes. A ciberatuação permite-lhes não somente a exibição da imagem, mas também a exposição das diversas configurações de si mediante a interação com outras pessoas. Dessa forma, constituem sexualidades que rompem com barreiras antes

impostas; são sexualidades fluidas, clivadas, que se apresentam como desmistificadoras das dicotomias um dia impostas. Por isso, não há barreiras de gênero, de idade, de aparência. Todos podem ser o que quiserem, sem dogmas, receios ou interdições.

Baudrillard (2008) argumenta que os inúmeros projetos de poder que já vigoraram – da Idade Média à Modernidade – sempre interditarão a sensualidade, relegando-a ao plano do proibido, do pecaminoso; o que, em contrapartida, fazia eclodir a vulgarização do sexo e da libido. Como a sensualidade é uma importante estratégia de conquista, era, então, preciso combatê-la, para que não ameaçasse os interesses das classes hegemônicas. Cabia, pois, à família, à Igreja e à escola a função de interditar o discurso da sensualidade (verbo-sonora e visualmente), para que os corpos não se tornassem indóceis; evitando-se, dessa maneira, a rebeldia que levaria à contestação do discurso dominante.

Em razão disso, defende Foucault (1984), a Modernidade legitimou – entre seus mecanismos de opressão e de cerceamento da liberdade humana – a repressão à exibição da homossexualidade: um tipo de sexualidade que não condizia com os ideais burgueses de conquista e de manutenção do poder. Por essa razão, a homossexualidade fora rotulada de anormalidade, relegada a uma vida marginal, segregada e imbuída de uma série de estereótipos e discriminações. Naquele contexto, a homossexualidade era tida como obscura, como pecado, como arma de sedução que não se alinhava aos “princípios” dogmáticos de uma sociedade que defendia a exclusão dos “diferentes”.

Os usuários do *CAM4* não interiorizam essas interdições. Fazem justamente o oposto: exteriorizam suas sexualidades – sejam elas homo, hetero, bi, trans etc. –, porque na rede os corpos encontram atmosfera para burlar o proibido, para vivificar, através da exposição do eu, novas sexualidades; que, em muitos casos, são híbridas, não se definem por preferências, mas pela necessidade de exposição, de busca de público, de audiência ou, até mesmo, de clientes. Assim, casais heteros, homos e bissexuais exibem performances de seus atos sexuais; pessoas solitárias buscam companhia, usando, como chamariz, os próprios corpos; grupos de amigos brincam de experimentar sexualidades diversas, com diversos matizes, valendo, para isso, inclusive acariciar a genitália do companheiro.

Convém enfatizar que, no *CAM4*, a exposição da sexualidade não se restringe à prática do sexo, tampouco à definição das preferências sexuais dos usuários; mas, sobretudo, evidencia a exteriorização do desejo, da afetividade, da libido e da apresentação do corpo

como mercadoria sedutora. São sexualidades (re)definidas conforme as nuances sócio-históricas, políticas, culturais e econômicas de um tempo em que a hibridização homem-máquina engendra novos meios de contestação e de afirmação de si, que normalmente são difundidos pelas novas tecnologias mediadoras das relações interpessoais.

Nesse tempo tudo precisa ser publicizado, pois a visibilidade determina a existência dos seres, dos seus sentimentos e das suas ontologias. Nesse contexto, as sexualidades existem à medida que se tornam públicas, que se apresentam na superfície líquida de computadores, *tablets*, *smartphones* etc. Por essa razão, Souza (2012) chama atenção para a tendência à “telematização” das sexualidades, ou seja, para as ressignificações que a exposição de si nos meios digitais provoca no campo do sexo e do prazer. Noutros termos:

Assim como o cinema, o sexo expandido extrapola aqueles determinados códigos ou linguagens em sua concepção inaugural, reinventa e cria códigos. A sexualidade se abriu em rede telemática. [...] Mas de que sexualidade estamos falando? Entendendo a sexualidade como força motriz onde as pessoas buscam por amor, afeto, prazer, ternura e intimidade essencial na/da/para existência humana, as novas sexualidades, por assim dizer, podem não incluir afeto, prazer, ternura e intimidade. O conceito de sexualidade também se expandiu, por conta dos suportes em redes digitais. [...] Quero dizer que o sexo que se faz em redes digitais não é o sexo através das redes, apenas; mas também em novas formas de sexo/sexualidades, com outras características e representações. (SOUZA, 2012, p. 231-232).

Como se pode ver, as tecnologias digitais impulsionam a tendência de um tempo em que sexualidade nem sempre envolve afeto ou intimidade. Isso tem gerado inúmeras transformações no campo da sexualidade, como as novas representações do masculino, do feminino e das variadas formas em que esses gêneros podem se mesclar. Outrossim, é preciso pôr em debate também que as novas práticas sexuais, em muitos casos, evidenciam a mediatização do discurso proibido, papel que outrora fora exercido pela Literatura e pelo Cinema, mas que agora se populariza nas redes sociais *online*. A principal diferença entre aqueles e estas diz respeito aos sujeitos que produzem os discursos sobre sexo e sexualidades: enquanto meios centralizados de produção discursiva, a Literatura e o Cinema oportunizavam a poucos o poder para dizer algo sobre essas questões; já na internet o número de sujeitos que podem se engendrar nesse domínio discursivo cresce à medida que as políticas de democratização da rede se expandem.

Por essa razão, as estratégias de publicização das sexualidades no *CAM4* sugerem que suas personagens experimentam, em virtude da plasticidade dos meios em que propagam seus

corpos em movimento, ora a libertação de tabus, ora a quebra de fronteiras entre homo e heterossexualidade, ora a aceitação da diferença pela híbrida mistura de gêneros, ora a transformação do corpo em mercadoria, que busca consumidores ávidos por prazer ou pela apreciação da intimidade alheia. Nesse ambiente, todos estão aptos à exposição das suas sensibilidades e, ao mesmo tempo, *voyeurs*, cujo prazer incide na possibilidade de apreciar a exibição alheia. São todos, portanto, extrodirigidos, sem fronteiras, sem receios, “sem pecados e sem juízos”. O corpos e sexualidades deslizantes, caracterizados por brilhos efêmeros e levezas atordoantes (LIPOVETSKY, 2015).

A exposição destemida de corpos nus e seminus em um site cujo material é disponibilizado por pessoas comuns, torna evidente que a exposição de si por meio do sexo e da sexualidade configura-se estratégia para a libertação do corpo ciborgue das interdições que foram impostas aos sujeitos pelos projetos hegemônicos de poder. Assim, tudo é permitido. Nada é rígido, pois essa estratégia de libertação busca romper barreiras, exterminando distinções do tipo homo-hetero, macho-fêmea, feminino-masculino, sagrado-profano; pois as sexualidades configuram-se como campos de experimentação, como ontologias que libertam os homens dos antigos dogmas estabelecidos pela humanidade.

Essas ontologias não são mais determinadas pela configuração genética do corpo. Por isso, nascer menino ou menina não pressupõe, *a priori*, masculino ou feminino, pois as sexualidades hodiernas são construções socioculturais de um tempo fluido, durante o qual “Masculino e feminino não encaram mais uma verdade ontológica, fundada numa anatomia intangível, nem mesmo numa polaridade necessária” (LE BRETON, 2012, p. 19). O homem-máquina pode ser o que quiser, conforme as circunstâncias do momento e as necessidades de exposição do eu. Na era em que a técnica suplanta Deus como símbolo da salvação humana, os gêneros são mutáveis, encontram-se em constante transformação, metamorfoseando-se de acordo com as esferas e as intencionalidades da atuação humana.

As tecnologias da informação e da comunicação são erigidas em aceleradoras da evolução e em libertadoras de todos os antigos fardos ligados à humanidade. Esse discurso é profundamente religioso em sua origem, mas a salvação não vem mais de Deus ou do consumismo, mas da técnica, ao menos para aqueles que terão os meios de usufruir daquelas tecnologias colocadas à sua disposição. (LE BRETON, 2012, p. 29).

O corpo ciborgue encena, por meio das tecnologias da informação e da comunicação, diversas possibilidades de experimentação das sexualidades. Por isso, costumam romper as

barreiras entre os gêneros, materializando novas produções discursivas – instáveis e em permanente mutação – sobre ser masculino e ser feminino. Isso pode ser visto no *CAM4* em cenas nas quais alguns homens, que se autodefinem heterossexuais, acariciam, de forma destemida, as genitálias dos companheiros, num ritual dionisíaco de apresentação do corpo como mercadoria, para oferecer oportunidade de gozo às pessoas de diversas preferências sexuais. Por essa razão, o *CAM4* pode ser interpretado como espaço digital onde a convergência de possibilidades de construção discursiva sobre a sexualidade vivifica uma nova cultura, marcada pelo desejo de desvencilhar-se das aparências rígidas estabelecidas pela tradição social.

A emergência dessa nova cultura também pode ser notada nas cenas em que mulheres de diversas nacionalidades, etnias e orientações sexuais expõem-se diante da câmera, para saciar o voyeurismo de *outrem* ou para simplesmente materializarem a própria existência, por meio da exibição de si no mundo virtual. Se na Modernidade as mulheres – sobretudo as casadas – precisavam se manter recatadas, para preservar a reputação de si e da família, na contemporaneidade elas precisam aparecer, expondo, inclusive, o próprio sexo, talvez como forma de protesto, de ocupação feminista de um território antes dominado pelo macho. Hoje, a sensualidade feminina e sua forma vulgar, a pornografia, não deseja mais ser ocultada, não se pretende subserviente, não se anula mais para beneficiar um projeto de poder notadamente masculino.

Às vezes, a exposição de sexualidades na internet suscita algumas idealizações, acrescentando concepções ao campo do sexo, que o tornam mais apreciável no meio digital que fora dele. Isso leva as pessoas a desejarem determinados corpos, em detrimento de outros; a valorizarem algumas performances e subjugar outras; a estarem constantemente em busca de uma satisfação sexual que nunca encontram fora das telas. Talvez isso seja um indício de que, ao explorarem e vivenciarem intensivamente as sexualidades em rede, os corpos ciborgues priorizam o pornográfico, que, ao escancarar a intimidade, mata a sedução (BAUDRILLARD, 2008, p. 36). Assim sendo, a busca de libertação promove o efeito contrário daquele desejado: em vez de promover o exercício da sedução, como forma de contestar projetos hegemônicos de poder, mata-a por meio da exibição pornográfica, que não possibilita a conquista, mas apenas o prazer momentâneo, fugaz; por isso, incapaz de gerar afeto e caminhos de resistência.

Considerações finais

E o que essas reflexões sobre a exposição da intimidade – notadamente dos sexos e das sexualidades – em sites como o *CAM4* têm a ver com educação? Alguns podem pensar que a abordagem científica de questões como essa possui pouca relevância para o campo educacional, haja vista que a escola fora pensada para docilizar os corpos, algo aparentemente contraditório às experiências de exposição das sensualidades e da pornografia *online*, que permitem a proliferação de vivências libertadoras, de performances desmistificadoras das normas outrora impostas sobre a preservação da intimidade.

No entanto, não se pode esquecer de que, com as transformações sócio-históricas, políticas e econômicas de uma sociedade sempre em movimento, o ser humano foi abandonando o seu caráter introdirigido e assumindo uma eclética postura extrodirigida, voltada para a exposição de si nas redes *online* e para o compartilhamento de experiências diversas. Por essa razão, considera-se que, na contemporaneidade, sites como o *CAM4* concretizam uma pedagogia acerca dos sexos e das sexualidades, já que evidenciam diversas formas de aprender, ensinar e compartilhar experiências íntimas diversificadas.

Os estudos sobre as pedagogias culturais (SABAT, 2001; NOGUEIRA, 2010; NUNES, 2012) argumentam em favor do tratamento de questões ligadas às sexualidades na escola. Para isso, é preciso compreender que essas “condições” humanas são construções sociais, históricas e culturais; por isso, devem ser discutidas segundo as especificidades do tempo presente, e não tratadas sob as formas e normas de uma época que já não existe mais. Em suma: se na contemporaneidade, muitos jovens estudantes descobrem suas sexualidades e experimentam o sexo por meio de interações digitais, torna-se imprescindível, para o profissional da educação, sobretudo o professor, entender como esses processos e ações se concretizam na rede, para que possa consubstanciar diálogos que suscitem ações/reflexões mais conscientes, críticas e perspicazes desses estudantes diante dos inúmeros sites eróticos disponíveis na internet.

Portanto, a escola não deve tratar as sexualidades como tabu, tampouco deve profanar as experiências digitais relativas ao sexo, à descoberta do prazer, de si e do outro que são materializadas nos meios digitais. É preciso dialogar com essas experiências, a fim de suscitar possibilidades de atuação *online* mais seguras e de fornecer aos jovens estudantes condições

para examinar, com criticidade, as influências que esse tipo de experiência pode provocar em cada um. Além disso, a escola não pode se furtar do dever de orientar estudantes e pais sobre as especificidades técnicas, políticas e culturais que envolvem as descobertas e vivências das sexualidades no mundo contemporâneo.

Referências

- COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos voláteis, corpos perfeitos**: estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano. Salvador: EDUFBA, 2012.
- BAUDRILLARD, Jean. **Da Sedução**. Trad. Tânia Pellegrini. 7 ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. Mônica Stahel. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica: José Augusto Guilhon Albuquerque. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Trad. Tomaz Tadeu. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 35-118.
- LE BRETON, David. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **O triunfo do corpo**: polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 15-32.
- LIPOVETSKY, Gilles. **De la légèreté**. Paris: Grasset, 2015.
- NOGUEIRA, Daniela Macias. Gênero e sexualidade na educação. **Anais do I simpósio sobre estudos de gênero e políticas públicas**. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina, 24 a 25 de junho de 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/2.DanielaNogueira.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014.
- NUNES, Pedro (org.). **Audiovisualidade, desejo e sexualidades**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus**. Des communions émotionelles. Paris: CNRS, 2012.
- RIBEIRO, José Carlos Santos; MIRANDA, Thais Bittencourt. Práticas sociais em sites de vídeos pornográficos amadores: o caso CAM4. In: NUNES, Pedro (org.). **Audiovisualidade, desejo e sexualidades**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p. 255-268.
- SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, ano 9, 2º semestre de 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2013.
- SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SOUZA, Cláudio Manoel Duarte de. ...E o sexo líquido se expande... apontamentos sobre sexualidade e bytes. In: NUNES, Pedro (org.). **Audiovisualidade, desejo e sexualidades**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p. 229-238.

TADEU, Tomaz. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Trad. Tomaz Tadeu. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 9-15.

Recebido em: 15/09/2016.

Aceito em: 01/12/2017.